

INDIVÍDUOS, CIDADÃOS E O COLETIVO NA POESIA DE ARQUÍLOCO*

Paula da Cunha Corrêa¹

Resumo

Neste trabalho são examinados os conceitos e as expressões para os indivíduos (nomes próprios e gentílicos), os cidadãos (*astoí, polítai*), e a coletividade (*dēmos*, gentílicos) nos fragmentos de Arquíloco.

Palavras-chave

Arquíloco; cidadãos; coletividade; poesia grega arcaica.

Abstract

This paper examines the concepts and terms employed for individuals (proper and ethnic names), citizens (*astoí, polítai*), and the collectivity (*dēmos*, ethnic names) in the fragments of Archilochus.

Keywords

Archilochus; citizens; collectivity; Archaic Greek poetry.

* Este artigo foi apresentado no XI Congresso da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos (SBEC) na Universidade de São Paulo em 04 de dezembro de 2017.

¹ Professora Associada, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil. E-mail: correa@usp.br

Na obra de Arquíloco de Paros encontramos uma profusão de indivíduos, sejam esses personagens (baseados em pessoas históricas ou não), heróis e deuses. Dentre os deuses figuram Zeus², Demeter³, Dioniso⁴, Apolo⁵, Hefesto⁶, Afrodite⁷, Ares⁸, Eniálio⁹, Poseidon¹⁰, uma Musa (Fr. 1.2 *IEG*) e o titã Tântalo (Fr. 91.14 *IEG*). Entre os heróis, contamos Dianira (Fr. 286-8 *IEG*) e Hércules (Fr. 259, 286-9, 324.2 *IEG*), Erimas (Fr. 25. 8 *IEG*), Pirro e Eurípilo (Fr. 304? *IEG*), Télefo (P.Oxy. 4708) e os seres como Nessos (Fr. 286, 288), e Aqueloos (Fr. 286-7 *IEG*).

Um provável companheiro e amigo do poeta, que não é poupado de sua sátira, é Glauco. Pois com o descobrimento e publicação da lápide de Glauco em Tasos (SEG 14.565; 1T Gerber, 1999) confirmou-se que, atrás da personagem citada seis vezes na obra de Arquíloco¹¹, havia uma pessoa histórica, satirizada no fragmento 117 *IEG* por seu penteado elaborado:

117: Schol. (b) T Hom. Il. 24.81: “βοὸς κέρασ”. Οἱ δὲ νεώτεροι κέρασ τὴν συμπλοκὴν τῶν τριχῶν ὁμοίαν κέρατι.

τὸν κεροπλάστην ἄειδε Γλαῦκον
Ἀρχίλοχος.

Schol. (b) T Hom. Il. 24.81: “Corno de boi”. Os mais recentes empregam “corno” para o trançado de cabelos semelhante a cornos.

Canta o cornudo, Glauco

Porém, os mais célebres alvos dos jambos do poeta, cujos nomes falantes podem ou não ter visado a uma família de Paros são Licambes¹², Anfimedon (Fr. 196^a.10 *IEG*) e suas filhas, Neobula (Fr. 118, 196^a.24 *IEG*) e uma mais jovem cujo nome próprio ou codinome não figura nos versos que nos

² Fr. 25.6, 91.30, 91?, 94.2, 98.7, 13, 122.2, 131.2, 154.5, 157.2, 177.1, 197, 230, 298.1 *IEG*.

³ Fr. 169, 322.1 *IEG*.

⁴ Fr. 120.1, 251.1 *IEG*.

⁵ Fr. 26.5 *IEG*.

⁶ Fr. 9.11, 108 *IEG*.

⁷ Fr. 112.11, 113.6? *IEG*.

⁸ Fr. 3.2, 10.8?, 18, 110 *IEG*.

⁹ Fr. 1 *IEG*.

¹⁰ Fr. 12.1, 192 *IEG*.

¹¹ Fr. 15, 48.7, (96), 105.1, 117, 131.1 *IEG*.

¹² Fr. 38, 54.8, 60.2?, 71.1, (172-81 Test.), 172.1 *IEG*. Veja também o patronímico de Licambes, Dotades (Fr. 57.7, 151.3? *IEG*). Para os possíveis significados do nome “Licambes”, veja Pickard-Cambridge (1927: 15), West (1974) e Miralles-Pòrtulas (1983).

restaram (Fr. 196^a IEG). Além desses, há uma riqueza de tipos, como o glutão Carilau filho de Erasmo (Fr. 168 IEG):

Ἐρασμονίδη Χαρίλαε,
χρῆμά τοι γελοῖον
ἔρέω, πολὺ φίλταθ' ἑταίρων,
τέρπειαι δ' ἀκούων.

Carilau, filho de Erasmo (Amável?),
uma coisa engraçada a ti
contarei, caríssimo companheiro,
e terás prazer em ouvi-la.

Assim como Licambes, Neobula, Anfimedo, Cerícides (Fr. 185 IEG), Pasífile (Fr. 331 IEG, que é “amiga de todos” *pasí-phílē*) e Leófilo (Fr. 115 IEG), Carilau (Fr. 168 IEG), a quem esses versos se dirigem, parece ter sido um nome significativo ou um codinome¹³.

No início do fragmento, que pode ter sido também o início do poema, o “eu” dirige-se a seu destinatário através de um patronímico e nome que sugerem tratar-se de alguém que é ou que faz a “alegria das tropas” (*kháris* + *laós*). Nesta mesma linha, o patronímico “filho de Erasmon”, apesar de imitar a dicção elevada da épica, também é sugestivo. Alguns o traduzem como “filho de Amável”, “do Agradável”, mas o nome também poderia assumir conotações mais eróticas como o traduz Bonnard (“Fils de l’Amour”¹⁴) e, nesse caso, se levarmos em conta os testemunhos acima referidos, segundo os quais Carilau é caracterizado como glutão, talvez a “coisa engraçada” seja uma história de gula, mas não por comida.

Nagy (1979: 91) comparou o nome de Aquiles (*Akhi-lāuos), aquele “cujo *laós* sofre” com *Kharí-lāuos, “aquele cujo *laós* se alegra”. O patronímico é relacionado por Nagy com o “florescer da juventude que inspira poesia” (como em Anacreonte Fr. 375 PMG), assim como o verbo *térpomai*

¹³ Separados por asteriscos, mas num mesmo conjunto, Schneidewin (1838) dispunha os fragmentos 168, 170, 171, 169, e Bergk (1882): 168, 171, 170, 169. Seguiram Bergk (1882) na ordenação dos fragmentos Fick (1882), Hoffmann (1898) Diehl (1926¹, 1936², 1952³), Treu (1959), Tarditi (1968) e Adrados (1990³). Lasserre (LB 1968), porém, dispôs os fragmentos na ordem que foi adotada por West (1971¹, 1989²) e Gerber (1999). Os fragmentos não apresentam grandes problemas textuais, mas, dependendo da interpretação métrica, os editores os arranjam em forma estrófica, situando-os entre os epodos (West 1971¹, 1989²; Gerber 1999) ou, seguindo Hefestião, entre os asinártetos. Cf. Itsumi (2007).

¹⁴ Tradução de Bonnard (1958): “Fils de l’Amour, Charilaos, jê veux te dire une chose plaisante, ô le plus cher des amis, et tu serás ravi de l’entendre.”

“dar/receber prazer”) “convencionalmente designa o efeito da poesia”. Odisseu (*Od.* 9. 3-11) diz não haver nada mais repleto de *kháris* do que cear e ouvir o aedo, assim também Carilau desfrutará do prazer dos convivas, como o “mais querido dos companheiros”. Nagy conclui que o epodo de Arquíloco (Fr. 168 *IEG*) dirigia-se a *phíloi* em um simpósio¹⁵.

Que esses nomes Erasmonida e Carilau sejam falantes é algo que se suspeita pelo menos desde Liebel (1812), e muitos observaram que essa é uma das características que o jambo arcaico partilha com a comédia antiga¹⁶. Um fragmento da comédia de Cratino (11 K-A) intitulada “Os Arquílocos” parece aludir a esse fragmento 168 *IEG*: Ἐρασμονιδῆ Βάθυπτε τῶν ἄωρολέων (Batipo Erasmonida, dentre os desbarbados). O patronímico em Cratino “ridiculariza a natureza luxuriosa de Batipo”¹⁷ e o adjetivo *aōróleios*, que significa “o que é liso de forma não-natural”, pode, por sua vez, aludir a adultos que se barbeiam para passarem por pré-púberes imberbes, na busca de amantes. É possível que esse fosse o mesmo tema explorado por Arquíloco.

A relação do falante (“eu”) com Carilau não é evidente. Não sabemos se eram amigos ou se a designação do destinatário como o “mais querido dos companheiros” é irônica, e se o uso do patronímico em gêneros elevados é “honorífico e solene”, nos jambos ele é frequentemente jocoso¹⁸. Rosen (2007: 26, n. 37) afirma:

Tem-se sugerido que muitos *psógoi* jâmbicos foram compostos para serem apresentados na presença de seus alvos, e nem sempre com o propósito real de feri-los. Essa noção supõe que o público, o poeta e o alvo faziam parte de um grupo relativamente fechado de *phíloi* que apreciava o entretenimento cômico de chistes criativos mútuos.¹⁹

O que seria essa “coisa engraçada”? Gentili (1998: 189) supõe uma censura jocosa, uma piada dirigida a um conviva no simpósio, e a coisa engraçada seria a “polifagia” de seu querido companheiro, o “apetite voraz” de Carilau²⁰.

¹⁵ Também para Kantzios (2005: 24) o poema 168 *IEG* de Arquíloco faria parte das “brincadeiras amistosas das reuniões sociais”.

¹⁶ Veja, particularmente, Rosen (1988).

¹⁷ Cf. Meineke 1.22, Kock 1.15 *apud* Rosen (1988: 43).

¹⁸ Cf. Gentili e Catenacci (2007).

¹⁹ Cf. Nagy (1979: 244-45) que encontra fundamento para isso em Arquíloco 168 *IEG*.

²⁰ Hauvette (1905: 177) sugeria tratar-se de uma anedota, talvez seguindo Liebel (1812) que a identificava com a anedota do coríntio chamado Etíope (Arquíloco Fr. 293 *IEG*). Segundo Martino e Vox (1996: 645), o conteúdo prometido é uma história bufa, para Treu (1959), “não é fábula, não é mito, mas talvez um acontecimento real”. Em meio a tantas dúvidas, Bowie (2001: 19) observa que o que há de mais claro no fragmento 168 *IEG* de Arquíloco, apesar da

Mas há um grande número de apóstrofes nos versos de Arquíloco e, particularmente, na introdução de fábulas, o que torna interessante a sugestão de que a “coisa engraçada” fosse uma fábula. O coro de velhos na *Lisístrata* inicia uma fábula de forma muito semelhante quando diz:

μῦθον βούλομαι λέξαι τιν' ὑμῖν, ὃν ποτ' ἤκουσ'
αὐτὸς ἔτι παῖς ὄν.
v. 784/5 οὕτως ἦν νεανίσκος Μελανίων τις,

Uma história quero contar a vocês, que eu mesmo ouvi
um dia, ainda criança.
Era uma vez um rapazinho, Melânio ...²¹

E nas *Vespas* (v. 566) de Aristófanes, Filocleão refere-se às fábulas esópicas como “algo engraçado” (*ti géloion*)²²: “Uns nos contam mitos, outros algo engraçado de Esopo”²³. Conforme Rankin (1977: 92):

No fragmento 162 T (= 168 IEG) Arquíloco também recorre à técnica e ao maneirismo do contador de histórias (...). O poeta serve-se de frases épicas, mas o estilo é o do *lógos*, um homem contará uma história para outro, seja uma anedota sobre pessoas reais, ou uma fábula que trata de “certos animais” (...)

Outro glutão nomeado na poesia de Arquíloco é Etíope de Corinto que, segundo Ateneu (*Deipn.* 4. 167d = Fr. 293 IEG), teria trocado o lote de terra ao qual teria direito em Siracusa por um bolo de mel. Nada mais sabemos além disso.

Há também três personagens, Eurimas, Melesandro (?) e o boiadeiro Falângio, mencionadas no fragmento papiráceo que parece discorrer sobre as preferências sexuais de Melesandro e do boiadeiro nos primeiros quatro versos (Fr. 25 P. Oxy. 2310 fr. 1 col. i.40–48, ed. Lobel):

]τις ἀνθρώπου φύη,
ἄλλ' ἄλλος ἄλλωι κα]ροδίην ιαίνεται.
].τ[.]. Μελησά[νδρω]ι σάθη

possível crítica dirigida a Carilau, é o modo “como o poeta chama atenção para o seu papel de contador de histórias”.

²¹ Tradução de Duarte (2005). Zanetto (2001: 68-9) cita esse e outro exemplo em *Lisístrata* (vv. 805-20). Uma leitura diversa é a de Batezzatto (2009: 139) que, ao reconhecer ecos homéricos no poema de Arquíloco Fr. 168 IEG, sugere que não se trata de início de fábula, mas de uma paródia da *Ilíada* 1.1-2.

²² Zanetto (2001: 69).

²³ Arist. *Vespas* 566: οἱ δὲ λέγουσιν μύθους ἡμῖν, οἱ δ' Αἰσώπου τι γέλοιον· Zanetto (2001: 69) cita ainda *Vesp.* 1259-1260.

5]ε βουκόλωι Φαλ[αγγ]ιωι.
τοῦτ' οὐτις ἄλλ]ος μάντις ἄλλ' ἐγὼ εἶπέ σοι·
]γάρ μοι Ζεὺς πατὴρ Ὀλυμπίων
ἐ]θηκε κάγαθὸν μετ' ἀνδράσι
οὐ]δ' ἄν Εὐρύμας διαπέγο[ι

... natureza humana,
mas, cada um a seu modo] contenta o [co]ração,
para Melesa[ndro (?)] pênis
...para o boiadeiro Fal[âng]io...
isto foi nenhum (?) adivinho senão eu que te disse:
..]pois a mim, Zeus, pai dos olímpios
...f]ez, e nobre entre os homens
...n]em Eurimas reprovaria...

Dentre os reis e líderes que figuram na poesia de Arquíloco, o mais célebre é Giges, rei da Lídia. O poema (Fr. 19 *IEG*) parece ser estruturado em forma de *priamel*, um recurso retórico frequente na poesia grega arcaica em que uma série de valores ou objetos caros à maioria são primeiro enumerados e depois, descartados em favor de uma opção particular. Por exemplo, no fragmento 114 *IEG* de Arquíloco o "eu" primeiro descreve o grande general que depois é rejeitado em detrimento rejeita do general de sua preferência: pequeno, cambaio e cheio de coragem. É verossímil que também no fragmento 19 *IEG* de Arquíloco, após uma sequência de objetos preteridos, o "eu" expusesse a sua preferência:

19 *IEG* Plutarco (*de tranq. animi* 10 p. 470bc) εἶθ' οὕτως ἀεὶ τῶν ὑπὲρ ἑαυτοῦς ἐνδεεῖς ὄντες οὐδέποτε τοῖς καθ' ἑαυτοῦς χάριν ἔχουσιν.

οὔ μοι τὰ Γύγεω τοῦ πολυχρύσου μέλει,
οὐδ' εἶλέ πώ με ζῆλος, οὐδ' ἀγαίομαι
θεῶν ἔργα, μεγάλης δ' οὐκ ἐρέω τυραννίδος·
ἀπόπροθεν γάρ ἐστιν ὀφθαλμῶν ἐμῶν.

“Θάσιος γὰρ ἦν ἐκεῖνος.” ἄλλος δὲ τις Χῖος, ἄλλος δὲ Γαλάτης ἢ Βιθυνὸς . . .

19 *IEG* Plutarco (*de tranq. animi* 10 p. 470bc) “Assim, como sempre carecem do que está além deles, jamais são gratos por o que lhes cabe.

Não me interessa o que é de Giges, coberto de ouro,
jamais fui tomado pela a inveja, não almejo
as obras dos deuses, nem amo a grande tirania,
pois estão longe dos meus olhos.

“Pois ele era um tásio” (alguém dirá). Mas, outros, um quio, ou galácio ou bitúnio,...

Plutarco cita esses quatro versos em seu tratado *Sobre a tranquilidade da alma* (10.470 b-c) como exemplo de uma atitude que, a seu ver, pode conduzir à “paz de espírito” (*euthymía*): “manter os olhos voltados o máximo para si e as suas coisas e, caso isso seja impossível, observar os mais carentes e não, como a maioria, comparar-se com os superiores”²⁴. Segundo Plutarco (loc. cit.), falta ao povo (*hoi polloí*) essa atitude, “pois a maioria, sempre ciente do que carece, nunca é grata pelo que lhe cabe”²⁵.

Aristóteles também cita o início do poema na *Retórica* (Γ 17 p.1418b23), revelando um fato que Plutarco omitiu (ou ignorava): quem fala nestes versos de Arquíloco é Caronte, um carpinteiro. No que concerne ao *ēthos*, Aristóteles (loc. cit.) comenta a necessidade de atribuir o discurso a um terceiro quando se deseja falar de si próprio (para evitar inveja, um discurso longo ou contradição), ou quando se quer falar de outro, para evitar ser acusado de ralhar ou ser grosseiro. São dados como exemplos dois discursos de Isócrates²⁶, o início de dois poemas de Arquíloco (Fr. 19, 122 IEG) e versos da *Antígona* (vv. 683-709) de Sófocles.

Nos quatro trímetros, quatro objetos são preteridos e uma justificativa é dada no final. No primeiro verso, o epíteto *polýkhrusos* (“o de muito ouro”) qualifica Giges e sugere o que são essas coisas que Caronte alega não lhe interessar²⁷. Heródoto (I.12) conta como Giges tornou-se rei da Lídia (687-652 a. C.) e que Arquíloco, contemporâneo do rei, mencionou-o em seus trímetros jâmbicos. Os versos do fragmento 19 IEG foram logo identificados como sendo aqueles aos quais Heródoto se referia, e o testemunho do historiador serviu como mais uma evidência para a datação do poeta²⁸.

A opulência dos reinos asiáticos era proverbial, assim como o tesouro de Giges²⁹. Embora “Caronte” diga que tais riquezas não lhe interessam, assim

²⁴ Plutarco *Mor.* 10.470a-b: Καίτοι καὶ τοῦτο μέγα πρὸς εὐθυμίαν ἐστί, τὸ μάλιστα μὲν αὐτὸν ἐπισκοπεῖν καὶ τὰ καθ’ αὐτόν, εἰ δὲ μὴ, τοὺς ὑποδεεστέρους ἀποθεωρεῖν καὶ μὴ, καθάπερ οἱ πολλοί, πρὸς τοὺς ὑπερέχοντας ἀντιπαρεξάγειν.

²⁵ Plutarco *Mor.* 10.470b: εἴθ’ οὕτως αἰεὶ τῶν ὑπὲρ ἑαυτοῦς ἐνδεεῖς ὄντες οὐδέποτε τοῖς καθ’ ἑαυτοῦς χάριν ἔχουσιν.

²⁶ Felipe 4-7; *Antidosis* 132-39, 141-49.

²⁷ *Polýkhrusos*, um epíteto raro, emprega-se também com referência a Afrodite (Hesíodo, *Erga* 521) e um arauto teucro (*Il.* 10.315), ambos de origem asiática.

²⁸ Cf. Iuba Artigraphus (ap. Rufinum, *Gramm. Lat.* vi. 563. 18).

²⁹ Cf. Heródoto (I. 14) para o tesouro em ouro e prata que Giges teria enviado ao oráculo de

como os feitos dos deuses e a tirania, a enfática repetição de negativas anafóricas e a construção “*Não me interessa...*” traem o seu desdém, como no fragmento sobre o escudo abandonado (Fr. 5 IEG: *tí moi mélei aspìs ekeinē; “o que me importa aquele escudo?”*)³⁰.

O segundo verso se inicia com a repetição anafórica da negação e o *dzēlos* que Caronte diz não se apoderar dele. *Dzēlos*, traduzido aqui por “inveja”, nem sempre possuía conotação negativa, e o seu emprego com valor positivo era inclusive mais comum (Chantraine, 1999², s.v.; LSJ). Ao contrário de *phthónos*, *dzēlos* e as demais palavras desse mesmo tema são geralmente empregadas como uma “admiração”, “emulação”, ou “zelo” (cf. *zelus* do latim tardio)³¹. O verbo *agaíomai* na terceira oração que tem por objeto “as obras dos deuses”, pode significar “indignar-se por justa causa”³² ou “admirar”/ “invejar” (cf. LSJ), apresentando a mesma ambiguidade que *dzēlos*³³.

Na quarta frase Caronte alega: “*a grande tirania não amo*”, e Hípias (FGH 6F6)³⁴ diz ser esta a primeira menção à “*tirania*”. O *týrannos*, termo de origem asiática, denomina o “senhor absoluto cujo poder não é limitado por leis”³⁵. Mas em Arquíloco, como em outros textos arcaicos, a “*tirania*” pode corresponder a “*reinado*”, e nesse caso a sua qualificação como “*grande*” (*megálēs*) não parece significar um poder “absoluto”, mas um vasto ou extenso, como o dos grandes reinos asiáticos. Não sabemos se nesta época o termo *týrannos* possuía uma conotação negativa³⁶. Mas no fragmento 23.20-21 IEG de Arquíloco, segundo os suplementos, alguém é exortado a “*reinar*” sobre a cidade e a “*ser tirano*” pois, assim, “*por muitos homens será(s) invejado*”

Delfos.

³⁰ Todos *ancepi* são ocupados por sílabas longas e a “gravidade” transmitida pelo ritmo pode, nesse caso, ter efeito irônico.

³¹ Chantraine (1999², s.v.). Cf. Aristóteles (*Rhet.* 1388b) para a distinção entre *phthónos* (“inveja”) e *dzēlos* (“emulação nobre”), mas Hesíodo (*Erga* 195) para *dzēlos* como “inveja”, como na *Odisseia* (5. 118) onde *dzēlémones* tem sentido negativo.

³² Cf. *Od.* 20. 16, Hesíodo *Erga* 333, Heródoto 8. 68.

³³ Mas o que e de quem seriam essas “obras dos deuses” aos quais Caronte se refere? Na *Iliada* (16. 120), ao perceber a intervenção divina nos feitos de Heitor, Ájax os chama de “*érga theōn*”, ao passo que, na *Odisseia* (1. 338), “*érga andrōn te theōn te*” servem de matéria para as canções dos aedos. Talvez não seja em Arquíloco uma referência os feitos e oferendas de Gíges (Gerber 1970: 22).

³⁴ *Apud* Argum. in Soph. *Oed.Reg.* Cf. *Et. Gud.* (col. 537.26 Sturz), *Et. Magn.* (p.771.54 Gaisford); Schol. Aesch. *Prom.* 222 (Dindorf, p.17).

³⁵ Chantraine (1999², s.v.).

³⁶ Cf. Gerber (1970: 23), Andrews (1956: 20ss). Simônides (584 PMG) e fontes *supra*.

(dz]ēlōtós)³⁷. Quer se trate de uma metáfora ou não, a tirania nesses versos é algo digno de cobiça e que suscita inveja (*dzēlos*), de modo comparável, no fragmento 19 *IEG* de Arquíloco o verbo empregado (*eréō*, forma jônica de *eráō*) expressa um desejo forte: "a grande tirania não amo"³⁸.

No quarto verso a justificativa para as negações é a constatação realista do carpinteiro que diz que tudo isso está longe de seu alcance ("longe de meus olhos")³⁹. Se o poema terminasse aqui, ofereceria um bom exemplo daquilo que prega Plutarco (10.470bc). A partir do sexto século a. C., o "ideal da tranquilidade cívica" fundada na apologia da moderação, do "meio" (*tò méson*), torna-se um *tópos*, "lugar comum" entre os poetas⁴⁰. Mas se no século anterior Arquíloco faz o elogio da moderação em alguns poemas (como no fragmento 128 *IEG*), ele parece muito distante de um Sólon que diz recusar a tirania que lhe ofereceram⁴¹. Quase todos os comentadores de Arquíloco acreditam que haveria na fala de Caronte uma virada final, e oferecem diversas hipóteses⁴². Uma imitação tardia, um poema da *Anacreontea* (8), pode dar uma boa pista⁴³:

³⁷ vv. 20-21: κείνης ἄνασσε καὶ τ[υραν]νίην ἔχε· | π[ο]λ[λοῖ]σ[ί] θ[η]ν[ζ]ηλωτὸς ἀ[νθρ]ώπων ἔσσει.

³⁸ Para descrever Dioces, um "amante da tirania" (*erastheis tyrannidos*), Heródoto (1. 96. 2) emprega um particípio do mesmo tema.

³⁹ O verbo (embora no singular) refere-se a todos os objetos anteriores, cf. De Falco e Coimbra (1941), Lasserre-Bonnard (1958), Tarditi (1968), Gerber (1970: 23); Fränkel (1975), Barron-Easterling (1985) e West (1993).

⁴⁰ Cf. Sólon Fr. 10. 2 *IEG*, Teógnis Fr. 219-20, 331-2, 335-6 *IEG*, Focílides Fr. 9 *IEG*. Cf. Píndaro *P.* 11.50 ss., onde o poeta afirma querer o que está em seu poder, censurando a tirania e fazendo o elogio "do meio" (*tà méssa*).

⁴¹ Cf. Sólon Fr. 4c, 6, 32, 33, 34 *IEG*, e para o conservadorismo aristocrático de Píndaro e Sólon, Gentili (1988: 149).

⁴² Cf. Rankin (1977: 83), Fowler (1987: 72), Pippin-Burnett (1983: 67). Fränkel (1975: 138) sugere que Caronte, não se importando com o rei distante, censura um desonesto "novo-rico" local e cita como paralelo a crítica feita por Anacreonte (Fr. 388 *PMG*) a Artemon. Cf. Fränkel (1955: 57): "<wenn ich aber den NN in seinem üblerworbenen Reichtum und seiner unverdienten Herrlichkeit an meinem Neubau vorüberstolzieren sehe, so lauf mir doch die Galle über --> So sprach der Zimmermann Charon auf Thasos>". Cf. Horácio *Ep.* 4. Outro fragmento de Anacreonte (Fr. 361 *PMG*), que desenvolve tema semelhante, é também comentado por Fränkel (1975: 301, n. 28): "eu não queria/ o corno de Amáltea,/ nem por cento e cinquenta anos/ ser rei de Tarteso."

⁴³ Um fragmento de Anacreonte (Fr. 361 *PMG*), que desenvolve tema semelhante, é também comentado por Fränkel (1975: 301, n. 28): ἐγὼ δ' οὐτ' ἄν Ἀμαλθίης | βουλοίμην κέρας οὐτ' ἔτα | πεντήκοντά τε κάκατον | Ταρτησοῦ βασιλεῦσαι ("eu não queria/ o corno de Amáltea,/ nem por cento e cinquenta anos/ ser rei de Tarteso").

οὐ μοι μέλει τὰ Γύγεω,
 τοῦ Σάρδεων ἄνακτος·
 οὐδ' εἶλέ πώ με ζῆλος,
 οὐδὲ φθονῶ τυράννοις.
 5 ἐμοὶ μέλει μύροισιν
 καταβρέχειν ὑπήνην,
 ἐμοὶ μέλει ρόδοισιν
 καταστέφειν κάρηνα·
 τὸ σήμερον μέλει μοι,
 10 τὸ δ' αὔριον τίς οἶδεν;
 ὡς οὖν ἔτ' εὐδι' ἔστιν,
 καὶ πῖνε καὶ κύβευε
 καὶ σπένδε τῷ Λυαίῳ,
 μὴ νοῦσος, ἣν τίς ἔλθη,
 15 λέγῃ, 'σὲ μὴ δεῖ πίνειν.'

Não me interessa o que é de Giges,
 rei de Sardes,
 jamais fui tomado pela a inveja,
 nem me ressinto da tirania.
 5 Interessa-me encharcar
 a barba com mirra,
 interessa-me coroar
 a cabeça com rosas,
 interessa-me o agora.
 10 Quem sabe do amanhã?
 Então, enquanto ainda está claro,
 bebe, joga dado
 e liba ao Lieu
 enquanto uma doença não vier
 15 dizer: “não debes beber.”⁴⁴

Um outro líder político em Arquíloco é Leófilo. Segundo Aristóteles, *Pol.* 1305a, “antigamente, quando um “demagogo” (*dēmagōgós*, “líder do povo”) era também chefe militar (*stratēgós*)”, a constituição tornava-se uma tirania, “pois quase a maioria dos tiranos antigos surgiram dos demagogos”⁴⁵. Isso

⁴⁴ Esse autor pode ter se apropriado dos primeiros versos de Arquíloco apenas como mote, e nada impede que o original tivesse uma continuação mais erótica (“não me interessa o ouro de Giges (...), mas a mulher que ...”), ou satírica, difamando um amigo ou inimigo. Para outras imitações ou paródias de Arquíloco Fr. 19 IEG, cf. A. P. 9.110, Gregório Naziano *ad. animam suam* 84 sg; *Patr.Gr.* 37.683, 1435 Migne.

⁴⁵ Arist. *Pol.* 1305a: ἐπὶ δὲ τῶν ἀρχαίων, ὅτε γένοιτο ὁ αὐτὸς δημαγωγὸς καὶ στρατηγός, εἰς τυραννίδα μετέβαλλον: σχεδὸν γὰρ οἱ πλεῖστοι τῶν ἀρχαίων τυράννων ἐκ δημαγωγῶν γεγόνασιν. “Tiranos” eram também os que obtinham poder real de forma “ilegítima”, como o

oferece uma possível via de leitura para o fragmento sobre Leófilo, cujo nome significa “caro ao exército” (*leós* + *phílos*):

Fr. 115 IEG Pseudo-Herodiano, *de figuris* (Rhet. Gr. viii.598.16 Walz, iii.97.8 Spengel) πολύπτωτον δέ, ὅταν ἦτοι τὰς ἀντονομασίας ἢ τὰ ὀνόματα εἰς πάσας τὰς πτώσεις μεταβάλλοντες διατιθώμεθα τὸν λόγον, ὡς παρὰ Κλεοχάρει· . . . ἔστι δὲ τὸ τοιοῦτον σχῆμα καὶ παρὰ τισι τῶν ποιητῶν, ὡς παρ’ Ἀρχιλόχῳ καὶ Ἀνακρέοντι. παρὰ μὲν οὖν Ἀρχιλόχῳ·

νῦν δὲ Λεώφιλος μὲν ἄρχει, Λεωφίλου⁴⁶ δ’ ἐπικρατεῖν⁴⁷,
Λεωφίλῳ δὲ πάντα κείται, Λεώφιλον⁴⁸ δ’ ἄκουε⁴⁹.
παρὰ δὲ Ἀνακρέοντι ἐπὶ τριῶν· (Fr. 359 PMG).

Κλεοβούλου μὲν ἔγωγ’ ἐρέω,
Κλεοβούλῳ δ’ ἐπιμαίνομαι,
Κλεόβουλον δὲ διοσκέω.

Pseudo-Herodiano, *de figuris* (Rhet. Gr. viii.598.16 Walz, iii.97.8 Spengel) “Ocorre um poliptoto quando arranjamos o discurso alterando os pronomes ou nomes em todos os casos, como, segundo Cleocares: (...) Há tal figura também em alguns poetas, como em Arquíloco e Anacreonte. Em Arquíloco:

E agora Leófilo governa, de Leófilo é o poder,
em Leófilo tudo repousa e a Leófilo (escuta?)⁵⁰.

E em Anacreonte em três [casos] (Fr. 359 PMG):

Cleóbulo amo,
por Cleóbulo enlouqueço e
para Cleóbulo olho.

Em Arquíloco, o nome significativo “Leófilo” pode indicar alguém cujo poder lhe foi conferido pela “tropa” (*laós*) à qual ele é “querido” (*phílos*). Alguns historiadores sustentam que os mais antigos tiranos surgiram no período

próprio Gíges; cf. Heródoto 1.14 e a *Antologia Palatina* 7.709. Para a tirania arcaica, cf. Aristóteles (*Pol.* 5.1310bss), Murray (1983: 132-43) e Andrews (1956: 20ss).

⁴⁶ Λεώφιλος Tarditi (1968)

⁴⁷ ἐπικρατέ <ε>ι Tarditi (1968)

⁴⁸ Λεώφιλος Tarditi (1968)

⁴⁹ ἀκούε<ται> Porson *apud* Tarditi (1968), ἀκούε<τε> Elmsley, ἀκούέ<τω> Bergk.

⁵⁰ Há outro poliptoto em Arquíloco Fr. 177 IEG, onde Zeus é invocado pelo nome e depois pelo pronome de segunda pessoa singular respectivamente no acusativo, nominativo e dativo. Tarditi (1968) cita como paralelo os versos cômicos Adesp. 1325 (III p. 629 Kock) que não formam, porém, um poliptoto, mas são apenas anafóricos: Μητιόχος μὲν γὰρ στρατηγεῖ, Μητιόχος δὲ τὰς ὁδοῦς, | Μητιόχος δ’ ἄρτους ἐπωπῆ, Μητιόχος δὲ τάλφιτα, | Μητιόχος δὲ πάντα ποιεῖ, Μητιόχος δ’ οἰμώξεται. | *Metíoco comanda as tropas, Metíoco comanda as estradas/ Metíoco assa pães, Metíoco assa cevada,/ Metíoco faz de tudo, Metíoco geme.*

arcaico “como inovadores ou empreendedores militares”⁵¹, dependendo do apoio das tropas para governar. Assim, Gallavotti (1949: 71) acredita que esses versos eram dirigidos contra um “verdadeiro *týrranos*”. Mas é possível que Leófilo fosse simplesmente um tipo ou o codinome de algum general popular que se tornou alvo do escárnio do poeta.

Há também dentre os personagens com nomes significativos Cerícides (*kērýks* + *ídēs*) o “filho do arauto” a quem o “eu-jâmbico” envia uma “triste mensagem” (Fr. 185 *IEG*) e talvez Cerano (“comandante”, “chefe” ou “senhor”⁵²), que teria sido poupado de um naufrágio por Poseidon hípio (Fr. 192 *IEG*).

Uma figura que se pode considerar histórica com menos incerteza, além de Glauco, é Péricles, contemporâneo de Arquíloco⁵³ ao qual a célebre elegia (Fr. 13 *IEG*) se dirige e que, segundo Ateneu 1.7f-8b, é censurado por seu comportamento nos simpósios,⁵⁴:

Fr. 124a-b *IEG*⁵⁵ ὅτι περὶ Περικλέους φησὶν Ἀρχίλοχος ὁ Πάριος ποιητὴς ὡς ἀκλήτου ἐπεισιπαιόντος εἰς τὰ συμπόσια

(a) Μυκονίων δίκην.

δοκοῦσι δ' οἱ Μυκόνιοι διὰ τὸ πένεσθαι καὶ λυπρὰν νῆσον οἰκεῖν ἐπὶ γλισχρότητι καὶ πλεονεξία διαβάλλεσθαι . . .

(b) πολλὸν δὲ πίνων καὶ χαλίκρητον μέθυ⁵⁶,
οὔτε τῆμον εἰσενείκας⁵⁷ <- U - x - U -⁵⁸>

⁵¹ McGlew (1993: 2).

⁵² Corrêa (2010: 224): “Para Frisk (1960-1972), o termo significa “chefe de tropas”, associado com *herjann* (o sobrenome de Odin), e Chantraine (1999, s.v. κοίρανος) o deriva de **koryo*, que é uma “armada, um grupo de guerreiros”. Assim, o “senhor Poseidon” poupa outro senhor, o “Cerano”, por meio de um golfinho que, nas palavras de Opiano (*Hal.* 2.533) é um “grande senhor das tropas marinhas”

⁵³ Cf. Aristides *or.* 46, ii.380.21 Dindorf.

⁵⁴ Péricles: Arquíloco Fr. 13.1, 16, 28.4? *IEG*.

⁵⁵ Não são numerosos os comentários acerca dos versos dos fragmentos 124^a-b *IEG*, cujo estabelecimento é complexo e problemático. Afora os comentários de Medaglia (1982) e Bossi (1990²), precisamente sobre os problemas textuais, há apenas algumas notas sobre o léxico em Hauvette (1905), Scherer (1964) e Page (1964), e um breve comentário em Fränkel (1975: 145), que observa que Lasserre (1950: 120-121) acredita que Hesíquios πατρόθεν πορθηκίδαι faça parte desse poema, na qual se narraria a fábula da mula (Bábrio 62 Perry). Cf. Medaglia (1982: 117), que cita Aristides *Or.* 46. 11 p. 380 Dindorf.

⁵⁶ Casaubon, μεθύων codd.

⁵⁷ εἰσενείκας Kaibel. εἰσενέγκας [οὔτε - ~ -] Hoffmann 1898, Edmonds 1931, εἰσὴνεγκας

οὐδὲ μὲν ⁵⁹ κληθεῖς < Ὑ -x⁶⁰> ἦλθες οἷα δὴ φίλος,
ἀλλὰ σεο⁶¹ γαστήρ νόον⁶² τε καὶ φρένας παρήγαγεν
5 εἰς ἀναιδείην,

Ἀρχίλοχός φησιν.⁶³

Arquíloco, o poeta pário, diz que Péricles, sem ser convidado, irrompia nos simpósios,

(a) à moda micônia

e parece que os micônios, por pobreza e por habitarem ilha miserável, tinham a reputação de serem avaros e gananciosos...

(b) bebendo muito vinho doce sem mistura,
não contribuíste para as despesas (...)
nem sendo convidado (...) vieste como um amigo,
mas teu estômago desviou razão e juízo
à sem-vergonhice,

diz Arquíloco.⁶⁴

Outros indivíduos nomeados em Arquíloco são o arquenáctida no fragmento 122.10 *IEG*, e talvez um Arthmiades (Fr. 29.2 *IEG?*), dos quais não temos mais informação. Nos poemas marciais, ainda há referência ao trácio

codd., εἰσενεγκῶν Eust.

⁵⁸ <- Ἰ Μοκονίων δίκην> L-B 1958, segue Snell (*apud* Bossi 1990²: 183).

⁵⁹ Hoffmann 1898. μὴν Edmonds 1931,

⁶⁰ <έσ>ἦλθες Casaubon, Edmonds 1931, L-B 1958, ὑφ' ἡμεῶν Hiller-Crusius 1897, Hoffmann 1898, ὑφ' ἡμεῶν Diehl 1 & 2(<Περικλείς>?), < Περικλείς > Adrados 1990³, δὴ ἴς <φίλους> φίλος Edmonds 1931, δ' ἴς <φίλους> φίλος L-B 1958,

⁶¹ σευ codd., σεὸ Hoffmann 1898, σ' (ἡ) Porson, Bergk 1866, Hiller-Crusius 1897, Diehl (1), σ' εὐ] Edmonds 1931, seu= Diehl 2, L-B 1958, Tarditi 1968, Adrados 1990³.

⁶² νόων codd., νόον Casaubon

⁶³ Há poucos comentários ao texto problemático de Arquíloco Fr. 124^a-b *IEG*. Além de Medaglia (1982) and Bossi (1990²), há notas lexicais em Hauvette (1905), Scherer (1964) e Page (1964), e um breve comentário em Fränkel (1975: 145), que observa que Lasserre (1950: 120-121) acredita que πατρόθεν πορθηκίδαι em Hesíquio fizesse parte desse poema que narraria a fábula da mula (Bábrion 62 Perry). Cf. Medaglia (1982: 117), que cita Aristides *Or.* 46. 11 p. 380 Dindorf.

⁶⁴ Como trata do simpósio e do comportamento de um conviva, o poema poderia ter como ocasião de *performance* o próprio simpósio, e foi justo por causa desta matéria que os versos nos foram transmitidos, em passagem difícil e corrupta, por Ateneu.

Oisidres (Fr. 91.7?, 92 IEG), Erxias, citado duas ou três vezes (Fr. 88, 89.28, 110 IEG?), e um filho de Pisístrato (Fr. 93a. 4 IEG).

Contamos assim, dentre os 294 fragmentos de Arquíloco que nos restaram, excetuando todos os nomes de figuras divinas e heróis, um total de 31 nomes próprios de indivíduos (em 47 ocorrências) que povoam os versos e lhes conferem uma riqueza de tipos comparáveis com os que encontramos na comédia antiga: escravos, camponeses, artesãos, prostitutas, soldados, reis, generais, músicos e videntes, num espectro que vai do mais baixos aos mais altos estratos da sociedade⁶⁵.

Quanto ao cidadão anônimo e a coletividade, como Arquíloco os representa? Em livro recente, Blok (2017) examina o conceito de cidadania em Atenas do período clássico. Como em seu artigo de 2005, Blok estuda o vocabulário da cidadania em Homero, Hesíodo, nos Hinos Homéricos, e depois passa direto a Sólon, Píndaro, Simônides e Teógnis. Antes dela, Lévy (1985) e Casevitz (2002), entres outros, ao estudar esse vocabulário, não tratam do *corpus* de mélicos, jâmbicos ou elegíacos menores do período arcaico. Trata-se, portanto, de um trabalho a ser feito, mas aqui nos restringiremos ao emprego de *astoí*, *polítai* e *dēmos* em Arquíloco.

Até a segunda metade do quinto século a. C., *astoí* e *polítai* só ocorrem no plural, e dentre os poetas arcaicos, *astoí* é muito mais comum⁶⁶. No período clássico, a começar por Ésquilo, ocorre uma inversão e *polítai* passa a ser a designação mais frequente, que mais tarde será superada pelos gentílicos (como *Athenaíoi* para cidadãos de Atenas)⁶⁷.

Qual a diferença entre *astoí* e *polítai*? Conforme Aristófanes de Bizâncio (s.v. ἄστος), não havia diferença entre os termos. Mas um escólio aos *Trabalhos e Dias* de Hesíodo (Schol. In Hes. Erg. 225), segundo Blok (2005: 17), pode oferecer uma pista para diferenciar as duas palavras, pois diz o seguinte: “o *astós* é oposto ao *ksénos*, e o que está longe de sua terra (*apódēmos*) é o contrário do *éndēmos*, que é o que está na sua terra”. Assim, embora *astós* e *polítēs* sejam semelhantes, *astós* seria o termo marcado, empregado para fazer um contraste e para “dar ênfase ao que se quer indicar como *pertencente a nós*”⁶⁸.

⁶⁵ Cf. Pickard-Cambridge (1927), West (1974), Moulton (1981) e Rosen (1988).

⁶⁶ Blok (2005: 15).

⁶⁷ Blok (2005: 16).

⁶⁸ Blok (2005: 17).

No que restou de Arquíloco, há apenas duas ocorrências de *astói*, nos fragmentos 170 e 133 *IEG*. Hefestião (*Ench.* 15. 2) traz em seu manual de métrica o fragmento 170 *IEG*, em que são mencionados “cidadãos” (*astói*) e a “maioria” (*hoi polloí*):

Fr. 170 ἀστῶν δ' οἱ μὲν κατόπισθεν ἦσαν, οἱ δὲ πολλοὶ

Fr. 170 dos cidadãos, uns estavam atrás, mas a maioria...

A segunda ocorrência encontra-se nos versos de Arquíloco Fr. 133 *IEG* preservados por Estobeu (4. 58. 4):

οὔτις αἰδοῖος μετ' ἀστῶν οὐδὲ περίφημος θανῶν
γίνεται· χάριν δὲ μᾶλλον τοῦ ζοοῦ διώκομεν
<οἱ> ζοοί, κάκιστα δ' αἰεὶ τῶ θανόντι γίνεται.

ninguém é respeitado dentre os cidadãos, nem louvado
quando morto. A graça, é antes a dos vivos que perseguimos,
<nós>, os vivos, e o pior sempre fica para o morto.

Infelizmente não há mais do que isso, que pouco nos informa sobre quem são ou o que faziam esses cidadãos. Não é evidente o uso marcado de *astói* para fazer um contraste entre os que são da cidade e os estrangeiros no fragmento 170 *IEG*, não há indicação de gênero, nem de posição sociopolítica, trata-se de um termo que designa a coletividade dos habitantes de um centro urbano⁶⁹. No fragmento 133 *IEG*, *astói* pode ter sido empregado por ser mais comum, por causa da aliteração com *aidoîos*, ou talvez para marcar esses mortos como “pertencentes a nós” e, por causa disso, dignos de respeito, louvor e graça (*aidōs*, *phēmē*, *kháris*)⁷⁰.

Assim como *astói*, *polítai* só ocorre no plural durante o período arcaico, com a exceção de um nome próprio em Homero. De forma semelhante, *polítai* também é um coletivo que designa os habitantes da *pólis*, mas sem as implicações políticas de direitos e obrigações do cidadão que o termo terá mais tarde no quinto e, principalmente, do quarto século em diante⁷¹. A partir do

⁶⁹ A palavra *ásty*, para cidade, poderia ser também usada para “ênfatizar o centro urbano em contraste como campo ou vila vizinha” (Blok, 2005: 17).

⁷⁰ Os versos expressam também o chamado “realismo” de Arquíloco em comparação com Tirteu Fr. 12. 23-34 *IEG*, nos quais se afirma que os mortos em combate recebem *aidōs* e são honrados após a morte (Cairns, 1993: 167, n. 64). Cf. Arquíloco Fr. 134 *IEG*: Escólio a Homero *Od.* 22. 412 “Não é sancionado por lei divina vangloriar-se sobre os mortos. Daí, Arquíloco diz: ‘pois não é nobre zombar de homens mortos’”.

⁷¹ Blok (2005: 12).

quarto século, *polítēs*, no singular, torna-se a forma mais comum de se referir a um cidadão livre com determinados direitos e deveres⁷².

Em Arquíloco, há só uma ocorrência do termo. Na *Paz* de Aristófanes, Hermes diz (vv. 603-4): “Ó sapientísimos fazendeiros, minhas palavras ouvi | se desejais compreender como ela [a Paz] acabou”⁷³. Um escólio aos versos de Aristófanes (Schol. ad loc., p. 95 Holwerda) esclarece:

Fr. 109 *IE* Schol. ad. loc.: πρὸς ταῦτα καὶ Κρατῖνος ἐν Πυτίνῃ πεποιήκεν (fr. 211 K.-A.) “ὦ λιπερνῆτες πολῖται, τὰμὰ δὴ ξονίετε.” ἔστι δὲ πρὸς τὰ Ἀρχιλόχου·

<ὦ> λιπερνῆτες πολῖται, τὰμὰ δὴ συνίετε
ρήματα.

“Com relação a isso Cratino na *Pitina* (211 K.-A.) compôs: “Ó cidadãos desprovidos, minhas palavras ouvi”. E isso vem de Arquíloco:

Ó cidadãos desprovidos, minhas palavras
ouvi.⁷⁴

Gerber (1999) sugere que esse fragmento 109 *IEG* de Arquíloco talvez pertencesse a uma exortação a uma emigração para Tasos. De fato, nada impede que fosse parte de um poema grave, como são muitos dos tetrâmetros trocaicos de Arquíloco, e a escassez de alimentos e de recursos é apontada como uma das causas dos movimentos migratórios no sétimo século a. C..

Observa-se, porém, que *polítai* neste fragmento 109 *IEG* de Arquíloco não revela gênero nem estatuto social e, como na maioria das ocorrências mais antigas, o termo é qualificado por um adjetivo que o define, já que a princípio ele indica simplesmente os habitantes da *pólis*⁷⁵. Vale notar que o discurso se inicia com uma interjeição, um adjetivo e o vocativo *polítai*, reproduzindo o início típico de um discurso político proferido para cidadãos reunidos em assembleia, como será frequente mais tarde nos oradores.

Uma outra palavra usada por Arquíloco para se referir à coletividade é *dēmos*. No quinto século a. C., em Atenas, *dēmos* era geralmente empregado para os

⁷² Blok (2005: 13-14).

⁷³ vv. 603-4: ὦ σοφώτατοι γεωργοί, τὰμὰ δὴ ξονίετε | ρήματ', εἰ βούλεσθ' ἀκοῦσαι τήνδ' ὅπως ἀπόλετο.

⁷⁴ Segundo Gerber (1999), porém, σοφώτατοι em Aristófanes (*Paz* 603ss.) é aparentemente um erro. O adjetivo empregado na comédia seria também λιπερνῆτες, presente em Aristodemo 104 F 1 § 16, Diod. 12. 40. 6.

⁷⁵ Blok (2005: 14).

cidadãos livres de posição socioeconômica inferior e, a depender do contexto, poderia ser pejorativo⁷⁶. Donlan (1970: 382), em estudo sobre o tema, afirma que em Homero⁷⁷, Hesíodo e nos *Hinos Homéricos* a palavra não tem sentido depreciativo, nem sociopolítico, e que *dēmos* designava a comunidade como um todo, com a exclusão de seus líderes⁷⁸. Mas se o *dēmos* não inclui os líderes, o termo faz uma distinção política.

O *dēmos* a princípio é um distrito, um espaço físico, e também as pessoas que nele habitam. No período arcaico, em Homero, Hesíodo e demais poetas, *dēmos* poderia ser empregado em oposição aos reis (*basileís*) e comandantes (*LSJ sv δῆμος*), assim como o *laós* no exercito define a massa de soldados em contraste com os chefes e os heróis guerreiros. Nas comunidades arcaicas as “instituições são informais e dominadas pela elite”. Mas um olhar de perto revela que o papel do *dēmos* e da assembleia é significativa” (Raaflaub, 1998: 182), embora as decisões políticas, a guerra e a administração da justiça ficassem a cargo dos reis (*basileís*). Mais tarde, o *dēmos* passa a significar a “massa de cidadãos” que disputará o poder nas cidades com os membros da aristocracia, os chamados “nobres” (*esthloí*) e “bons” (*agathoí*)⁷⁹.

Em Arquíloco, *dēmos* ocorre três vezes, nos fragmentos 14.1, 182.1 e 207 IEG. Hefestião (de poem. 7.2) cita os seguintes versos:

Fr. 182 Hephaest. de poem. 7.2 (p. 71 Consbruch) εἰσὶ δὲ ἐν τοῖς ποιήμασι καὶ οἱ ἄρρενικῶς οὕτω καλούμενοι ἐπιφδοί, ὅταν μεγάλῳ σίχῳ περιττόν τι ἐπιφέρηται, οἷον “πάτερ – φρένας (fr. 172.1-2), καὶ ἔτι
εὖτε⁸⁰ πρὸς ἄθλα⁸¹ δῆμος ἠθροῖζετο,
ἐν δὲ Βατουσιάδης.

Hefestião de poem. 7.2: “Há também nos poemas os chamados epodos, com terminação masculina, quando ao verso longo se acrescenta um excedente, como no Fr. 172.1-2 e também:

Quando para os jogos o povo se reuniu
e, junto, Batusíades

Apesar de breve, não há no fragmento conotação pejorativa explícita quanto ao *dēmos*. Sabemos apenas que entre o povo reunido para jogos havia um tal

⁷⁶ Donlan (1970: 382).

⁷⁷ Exceto na *Ilíada* 2.198-206.

⁷⁸ Donlan (1970: 385) nota, porém, a expressão de uma maior distância e tensão entre o *dēmos* e os seus líderes (os reis) em Hesíodo (*Erga*).

⁷⁹ Hall (2007: 46, 48).

⁸⁰ εὖ τι vel εὖ τοι codd. corr. Bentley.

⁸¹ ἄεθλα codd. corr. Fick.

Batusíades. Mas esse, segundo Hesíquio (Arquíloco Fr. 183 IEG⁸²), era um adivinho, filho de Seleu, e talvez o mesmo adivinho que, conforme conta Aristides, Arquíloco teria difamado:

Aristides (Or. 46. ii. 380.21 Dindorf): οὐ τοίνυν οὐδ' Ἀρχίλοχος περὶ τὰς βλασφημίας οὕτω διατρίβων τοὺς ἀρίστους τῶν Ἑλλήνων καὶ τοὺς ἐνδοξοτάτους ἔλεγε κακῶς, ἀλλὰ Λοκάμβην καὶ Χαρίλαιον καὶ τὸν δεῖνα τὸν μάντιν, καὶ τὸν Περικλέα τὸν καθ' αὐτόν, οὐ τὸν πάνυ, καὶ τοιοῦτους ἀνθρώπους ἔλεγε κακῶς.

Portanto, nem mesmo Arquíloco, tão habituado à difamação, maldizia os melhores dentre os gregos, ou os mais estimados, mas Licambes, Carilau, um formidável adivinho [Fr. 182 IEG?] e Péricles, o de sua época, não o conhecido por todos; e de tais homens falou mal.

Se o patronímico Seleída em Arquíloco refere-se “aos Selos, vates de Zeus em Dodona” descritos na *Iliáda* 16. 235⁸³ como profetas de pés sujos que dormem no chão, o fato deste Batusíades Seleída estar “entre o *dēmos*” talvez confira ao *dēmos* uma conotação negativa.

No fragmento 14 IEG de Arquíloco, que foi considerado por muitos como parte da chamada “Elegia a Péricles” (Fr. 13 IEG), um tal Esímides é advertido:

Αἰσιμίδη, δήμου μὲν ἐπίρρησιν μελεδαίνων
οὐδεὶς ἄν μάλα πόλλ' ἡμερόεντα πάθοι.

Esímides, com a censura do povo [*dēmos*] se importando,
ninguém muitos prazeres teria.

Neste dístico, o falante aconselha Esímides a ignorar a censura do *dēmos*, e a palavra empregada para tal censura (*epírrēsis*) é glosada nos léxicos antigos (*Órion* 55.22 Sturtz, *Et. Gen.*, *Et. Mag.*) por *psógos* e *kakēgoría*, que eram frequentemente associados aos jambos. Implícitos no conselho de desdenhar a censura do *dēmos* estão o poder e o temor que ela suscitava.

Quem é o falante e quem é o destinatário? Seriam líderes que diferenciam-se dos demais, o falante considerando Esímides e a si próprio como distintos do *dēmos* ao qual não devem dar ouvidos? Por outro lado, nada impede que o próprio Esímides fosse um homem do *dēmos*, e então os versos seriam um conselho para que não se desse importância à opinião alheia de modo geral.

⁸² Arquíloco Fr. 183 IEG: Σελληῖδεω. Hesych. Σελληῖδεω· Σελ<λ>έως υἱός, ὁ μάντις, Βατουσιάδης τὸ ὄνομα. (*Seleída*: filho de Seleu, o vidente chamado Batusíades).

⁸³ *Il.* 16. 235: ὑποφῆται ἀνυπόποδες χαμαιεῦναι.

Se fosse, porém, alguém da heteria do poeta, o excesso de prazer que Esímides evita por temer a opinião do povo talvez não fosse muito diverso daquele que, mais tarde, Sólon censura com relação aos líderes de Atenas (Fr. 4. 7-10 IEG):

δήμου θ' ἡγεμόνων ἄδικος νόος, οἷσιν ἐτοῖμον
ὑβριος ἐκ μεγάλης ἄλγεα πολλὰ παθεῖν·
οὐ γὰρ ἐπίστανται κατέχειν κόρον οὐδὲ παρούσας
10 εὐφροσύνας κοσμεῖν δαιτὸς ἐν ἡσυχίῃ.

E a mente dos líderes do povo [dēmou] é injusta, os quais,
por sua grande desmedida, têm por certo sofrer muitas dores;
pois não sabem conter o excesso, nem os presentes
festejos do banquete ordenar na quietude.

A terceira ocorrência de *dēmos* em Arquíloco foi registrada por Eustácio em seu comentário à *Ilíada* (23. 775 (iv.836. 1 V.d.Valk)). Eustácio não cita versos e apenas afirma que Arquíloco chama uma mulher (Neobula?) de “gorda nos tornozelos, mulher revoltante”⁸⁴ e “pública” (*dēmos*), isto é, “comum ao *dēmos*” (*koinēn tōi dēmōi*); “trabalhadora” e “escumalha”, “por analogia à espuma do mar, ou algo semelhante” (Fr. 206-209 IEG).

Para Donlan (1970: 386 n.16), nas ocorrências de *dēmos* em Arquíloco o sentido é o da população total, indiferenciada, ao contrário do que ocorre em Tirteu, no fragmento 4.5 IEG onde, a seu ver, os “homens do *dēmos*” incluem todos os cidadãos livres exceto os líderes (como em Homero), e esses já representam “uma entidade constitucional”, “com funções, direitos e responsabilidades definidos”, podendo ser considerado como um “órgão no âmbito da *pólis*”⁸⁵. Porém, se observarmos um outro fragmento de Tirteu, o Fr. 12.15 IEG, nele o termo é empregado com um sentido mais geral e sem a distinção de líderes, assim como no Fr. 1 IEG de Calino, onde *dēmos* também parece referir-se à cidade ou à população como um todo.

Portanto, apesar da escassa evidência, é possível que *dēmos* em Arquíloco distinguísse o povo de seus líderes, inclusive com uma conotação social. Em Álcman (Fr. 17. 4-8 PMG), porém, o emprego de *dēmos* revela clara diferenciação social. Segundo Ateneu (10. 416cd (ii 405s. Kaibel)), Álcman professa a sua gula nestes versos: um grande caldeirão logo estará repleto de sopa de ervilha...

⁸⁴ Fr. 206 IEG: περὶ σφυρὸν παχεῖα, μισητὴ γυνή.

⁸⁵ Donlan (1970: 385-6).

5 οἷον ὁ παμφάγος Ἄλκμαν
ἠράσθη λιαρὸν πεδὰ τὰς τροπὰς·
οὔτι γὰρ ἀδὸ τετυγμένον ἔσθαι,
ἀλλὰ τὰ κοινὰ γάρ, ὥπερ ὁ δᾶμος,
ζατεύει.

do tipo que Álcman, o come-tudo,
gosta quente, após o solstício.
Pois ele não come doces confeitos,
mas o que é comum, como o povo [dāmos],
ele busca.

A caracterização do falante em Álcman como um “come-tudo” (*pamphágos*) que prefere sopa de ervilha, um dos pratos mais populares e qualificado aqui como algo “comum” de que o *dāmos* (= *dēmos*) gosta, opõe o *dēmos* (“povo”) àqueles que apreciam “doces confeitos”.

Conclui-se que *dēmos*, na acepção de habitantes e não do território habitado, pode ser empregado desde Homero tanto de um modo mais geral e indiferenciado, ou com conotações sociopolíticas⁸⁶. Quanto à acepção da palavra, se era pejorativa ou não, dependia do contexto, do gênero poético, da ocasião de performance e da ideologia do autor.

Por fim, são relativamente raras as ocorrências de *dēmos* em Arquíloco, em comparação com o número de personagens individualizados e nomeados (quer esses se referissem a pessoas reais, fossem codinomes significantes ou nomes de personagens puramente inventados). A maneira mais comum de se referir à coletividade em Arquíloco é pelo gentílico, que não faz distinções sociopolíticas e é mais concreto. Nos poemas há referências a tásios (Fr. 20, 91.44?, 92 IEG), náxios (Fr. 89.6 IEG), trácios (Fr. 42.1, 93.6 IEG), toronéus (Fr. 89.20 IEG), magnésios (Fr. 20 IEG), maronitas (Fr. 291 IEG), pan-helenos (Fr. 102 IEG) e bisaltas (Fr. 92 IEG?)⁸⁷. Os genticos são empregados em Arquíloco para designar grupos e também indivíduos como um saio (Fr. 5.1 IEG), um frígio (Fr. 42.2 IEG) um cário (Fr. 216 IEG) e um carpátio (Fr. 248 IEG)⁸⁸. A presença e a frequência de nomes próprios, em contraste com os termos que designam o cidadão e/ou a coletividade, dependem em larga medida do gênero do discurso e da ocasião de performance.

⁸⁶ Cf. contra Donlan (1970: 387), para quem “até o final do sétimo século, *dēmos* não parece ter adquirido qualquer conotação social.”

⁸⁷ Há também em Arquíloco referência a um vinho ismárico (Fr. 2.2 IEG), uma lei (ou modo musical?) crético (Fr. 232 IEG) e um asno de Priene (Fr. 43.2 IEG)

⁸⁸ Habitante de ilha Cárpatos, entre Rodes e Creta.

Embora Arquíloco mencione a ilha de Paros⁸⁹, a sua terra natal, não nos restou nenhuma alusão ou interpelação aos pários. Não devemos nos fiar em argumentos *ex silentio*, mas uma hipótese plausível para a ausência de referências a “pários” em Arquíloco é que, se o poeta se dirigia diretamente a eles, quando não empregava os seus nomes próprios ou codinomes, ele usava pronomes ou *astoi* (e mais raramente *polítai*) para se referir ao grupo, recorrendo aos gentílicos para marcar aqueles que não “pertencem a nós”: os outros, os estrangeiros.

Referências Bibliográficas

Edições dos fragmentos de Arquíloco

ADRADOS, F. R. *Líricos Griegos I: Elegiacos y Yambógrafos Arcaicos*. Barcelona: Ediciones Alma Mater, 1956-1976 (1ª ed.); Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1990 (3ª ed.).

BERGK, Th. *Poetae Lyrici Graeci*. vol II. Leipzig: B. G. Teubneri, 1882⁴, 1915.

BRUNCK, R. F. P. *Analecta Veterum Poetarum Graecorum*. Strassburg: 1785.

BUCHHOLTZ, E. *Anthologie aus den Lyrikern der Griechen*. Leipzig: B. G. Teubner, 1886.

CRÖNERT, G. *Archilochi Elegiae*. (Auszug aus d. Habilitationsschrift), Göttingen, 1911.

DEGANI, E. *Poeti greci giambici ed elegiaci*. Milão, Mursia, 1977.

DIEHL, E. *Anthologia Lyrica Graeca*. Leipzig, B. G. Teubner, 1925 (1ª ed.), 1936 (2ª ed.), 1952 (3ª ed.).

EDMONDS, J. M. *Greek Elegy and Iambus*. Londres, Heinemann, 1931.

De FALCO, V. e A. de FARIA COIMBRA. *Os Elegíacos Gregos de Calino a Crates*. São Paulo: Brusco, 1941.

FARNELL, G. S. *Greek Lyric Poetry: a complete collection of the surviving passages from the Greek songwriters*. Londres: Longmans Green & Co., 1891.

⁸⁹ Tasos é a cidade mais frequentemente mencionada (Fr. 21.22, 89.19, 93.6, 96.97, 102, 103.2, 104.2, 228, 291, 295b IEG).

- GAISFORD, T. *Poetae Minores Graeci*. Vol I. Leipzig: Kuhn, 1823.
- GERBER, D. E. *Greek Iambic Poetry from the seventh to the fifth centuries B. C.* Cambridge, Mass., Londres: Harvard University Press, 1999.
- HILLER, E. *Anthologia Lyrica Graeca sive Lyricorum Graecorum Veterum praeter Pindarum*. Leipzig: B. G. Teubner, 1890.
- HILLER, E. e CRUSIUS, O. *Anthologia Lyrica Graeca sive Lyricorum Graecorum Veterum praeter Pindarum*. Leipzig: B. G. Teubner, 1897 (4a ed.).
- HUDSON-WILLIAMS, T. *Early Greek Elegy*. Cardiff: University of Wales Press Board & Humphrey Milford, 1926.
- LASSERRE, F. e BONNARD, A. *Archiloque: Fragments*. Paris: Belles Lettres, 1958.
- LIEBEL, I. *Archilochi Reliquiae*. Leipzig: Sommer, 1812 (1a ed.); Viena: Johann Bartholomäus Zweck, 1818 (2a ed.).
- MARZULLO, B. *Frammenti della lirica greca*. Florença: Sansoni, 1965-1967 (2a ed.).
- SCHNEIDWIN, F. G. *Delectus Poesis Graecorum Elegiacae, Iambicae, Melicae*. Göttingen: Vandenhoeck et Ruprecht, 1838.
- SNELL, B. e FRANYÓ, S. *Fruhgrriechische Lyriker, II. Die Jambographen*. Berlim: Akademie Verlag, 1972.
- TARDITI, G. *Archiloco*. Roma: dell' Ateneo, 1968.
- TREU, M. *Archilochos*. Munique: Ernst Heimeran, 1959
- WEST, M. L., *Iambi et Elegi Graeci ante Alexandrum cantati*. Oxford: Oxford University Press, 1971 (1ª ed.), 1998 (2ª ed.).

Estudos e comentários

ANDREWES, A. *The Greek Tyrants*. London: Hutchinson's University Library; New York: Longmans, Green & Co., 1956.

BARRON, J. P. e EASTERLING, P. E. Archilochus. In EASTERLING, P. e B.

M. W. KNOX (edd.), *The Cambridge History of Classical Literature I. Greek Literature*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

BATTEZZATO, L. Metre and Music. In BUDELMANN, F. (ed.) *The Cambridge Companion to Greek Lyric*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009, pp.130-146.

BLOK, J. Becoming Citizens. Some Notes on the Semantics of "Citizen" in Archaic Greece and Classical Athens. *Klio*, vol. 87, 2005, pp. 5–40.

BLOK, J. *Citizenship in Classical Athens*. Cambridge: Cambridge University Press, 2017.

BOSSI, F. *Studi su Archiloco*. 2a ed. Bari: Adriatica, 1990.

BOWIE, E. Early Greek Iambic Poetry: The Importance of Narrative, In CAVARZERE, A., ALONI, A. & A. BARCHIESI (edd.) *Iambic Ideas; Essays on a Poetic Genre from Archaic Greece to the Late Roman Empire*. Lanham, Boulder, Nova York, Oxford: Rowman & Littlefield, 2001, pp. 1-27.

CAMPBELL, D. A. *Greek Lyric Poetry: A Selection of Early Greek Lyric, Elegiac and Iambic Poetry*. (2a ed.) Bristol, Bristol Classical Press, 1967-1982.

CASEVITZ, M. L'évolution de la citoyenneté en Grèce d'après le vocabulaire. In: RATTI, S. (ed.) *Antiquité et citoyenneté. Actes du colloque international de Besançon (3-5 novembre 1999)* Besançon: Institut des Sciences et Techniques de l'Antiquité (Collection « ISTA », 850), 2002, pp. 93-104.

CHANTRAINE, P. *Dictionnaire étymologique de la langue grecque*. Paris: Klincksieck, 1999 (2^a ed.).

CORRÊA, P. Da Cunha. *Armas e varões; A guerra na lírica de Arquíloco*. 2a ed. rev. e aument. São Paulo: Edunesp, 2009.

CORRÊA, P. Da Cunha. *Um Bestiário Arcaico. Fábulas e imagens de animais na poesia de Arquíloco*. Campinas: Editora Unicamp, 2010.

DEGANI, E. e G. BURZACCHINI. *Lirici Greci*. Florença, La Nuova Italia, 1977.

DONLAN, W. Changes and Shifts in the Meaning of *Demos*. *La Parola del passato. Rivista di studi antichi*, vol. 25, 1970, pp. 381-95.

DUARTE, A. da S. *Duas comédias: Lisístrata e As tesmoforiantes*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FICK, A. F. "Die Sprachform der altionischen und altattischen Lyrik", *Beiträge zur Kunde der Indogermanischen Sprachen*, vol. 11, 1886, pp. 242-72; vol. 13, 1888, pp. 173-221.

FISHER, N. e H. van WEES (edd.) *Archaic Greece: New Approaches and New Evidence*. Londres: Duckworth, 1998.

FOWLER, R. L. *The Nature of Greek Lyric. Three Preliminary Studies*. Toronto, Buffalo: University of Toronto Press, 1987.

FRÄNKEL, H. *Wege und Formen frühgriechischen Denkens*. München: Beck, 1955.

FRÄNKEL, H. *Early Greek Poetry and Philosophy: a history of Greek epic, lyric, and prose to the middle of the fifth century*. Trad. M. Hadas e J. Willis. Oxford: Basil and Blackwell, 1975.

GALLAVOTTI, C. Il Tirrano di Archiloco. *La Parola del passato. Rivista di studi antichi*, vol. 4, 1949, pp. 69-71.

GENTILI, B. *Poetry and its Public in Ancient Greece from Homer to the Fifth Century*. Trad. T. Cole. Baltimore, Londres: Johns Hopkins University Press, 1988.

GENTILI, B. & C. CATENACCI. *Polinnia; Poesia Greca Arcaica*. Messina-Firenze: Casa Editrice G. D'Anna, 2007 (3ª ed.).

GERBER, D. E. (*Euterpe: An Anthology of Early Greek Lyric, Elegiac and Iambic Poetry*. Amsterdã: Adolf M. Hakkert, 1970.

HALL, J. M. Polis, Community, and Ethnic Identity, In SHAPIRO, H. A. (ed.) *The Cambridge Companion to Archaic Greece*. Nova York: Cambridge University Press, 2007, pp. 40-60.

HAUVETTE, A. *Archiloque, sa vie et ses poésies*. Paris: Fontemoing, 1905.

HOFFMANN, O. *Die griechischen Dialekte in ihrem historischen Zusammenhange (III): Der Ionische Dialekt*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1898.

HUMMEL, P. Les composés en lip(o)- dans la poésie lyrique grecque: étude

d'un micro-système lexical. *Philologus*, vol. 141, 1997, pp. 145-148.

ITSUMI, I. What's in a line? Papyrus Formats and Hephaestionic Formulae. In FINGLASS, P. J., COLLARD, C. e RICHARDSON, N. J. (edd.) *Hesperos. Studies in Ancient Greek Poetry presented to M. L. West on his Seventieth Birthday*. Oxford: Oxford University Press, 2007, pp. 306-325.

KANTZIOS, I. *The Trajectory of Archaic Greek Trimeters*. Lieden, Boston: Brill, 2005.

LASSERRE, F. *Les Épodes d' Archiloque*. Paris: Belles Lettres, 1950.

LÉVY, E. Astos et polites d' Homère à Hérodote. *Ktéma*, vol. 10, [1985] 1988, pp. 53-66.

MARTINO, F. de e VOX, O. *Lirica Greca. Vol. I: Prontuari e lirica dorica; Vol. II: Lirica ionica; Vol. III: Lirica eolica*. Bari: Levante, 1996.

McGLEW, J. *Tyranny and Political Culture in Ancient Greece*. Ithaca e Londres: Cornell University Press, 1993.

MEDAGLIA, S. M. *Note di esegesi archilochea*. Roma: Accademia Nazionale dei Lincei, 1982.

MIRALLES, C. e J. PÒRTULAS. *Archilochus and the Iambic Poetry*. Roma: Dell' Ateneo, 1983.

MOULTON, C. *Aristophanic Poetry*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1981.

MURRU, F. Le polúptoton de Léophile. *Eos*, vol. 67, 1979, pp. 183-9.

NAGY, G. *The Best of the Achaeans: Concepts of the Hero in Archaic Greek Poetry*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1979.

OSBORNE, R. Early Greek Colonization? The nature of Greek Settlement in the West. In FISHER, N. e H. van WEES (edd.) *Archaic Greece: New Approaches and New Evidence*. Londres: Duckworth, 1998, pp. 251-69.

PAGE, D. L. Archilochus and the Oral Tradition. In POUILLOUX, J. et al. (Org.) *Archiloque: Sept exposés et discussions. Entretiens sur l'Antiquité Classique X* (Vandoevres, Genebra, 26/8-3/9/1963). Genebra: Fondation Hardt, 1964, pp. 118-79.

PICKARD-CAMBRIDGE, A. *Dithyramb, Tragedy and Comedy*. Oxford: Oxford University Press, 1927.

PIPPIN-BURNETT, A. *Three Archaic Poets: Archilochus, Alcaeus, Sappho*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1983.

RAAFLAUB, K. A. A historian's headache; How to read 'Homeric society'?, In FISHER, N. and H. van WEES (edd.) *Archaic Greece: New Approaches and New Evidence*. Londres: Duckworth, 1998, pp. 169-193.

RANKIN, H. D. Aristotle on Archilochus. *L'Antiquité classique*, vol. 46, 1961, pp. 165-8.

RANKIN, H. D. *Archilochus of Paros*. Park Ridge, N.J.: Noyes Press, 1977.

ROSEN, R. M. *Old Comedy and the Iambographic Tradition*. Atlanta: Scholars Press, 1988.

ROSEN, R. M. *Making Mockery; The Poetics of Ancient Satire*. Oxford, Nova York: Oxford University Press, 2007.

SCHERER, A. Die Sprache des Archilochos, In POUILLOUX, J. et al. (Org.) *Archiloque: Sept exposés et discussions. Entretiens sur l'Antiquité Classique X* (Vandoevres, Genebra, 26/8-3/9/1963). Genebra: Fondation Hardt, 1964, pp. 89-107.

SHAPIRO, H. A. (ed.) *The Cambridge Companion to Archaic Greece*. Nova York: Cambridge University Press, 2007.

WEST, M. L. *Studies in Greek Elegy and Iambus*. Berlim, Nova York: de Gruyter, 1974.

WEST, M. L. *Greek Lyric Poetry*. Trad. Oxford: Oxford University Press, 1993.

ZANETTO, G. Iambic Patterns in Aristophanic Comedy. In CAVARZERE, A., ALONI, A. e BARCHIESI, A. (edd.) *Iambic Ideas; Essays on a Poetic Genre from Archaic Greece to the Late Roman Empire*. Lanham, Boulder, Nova York, Oxford: Rowman & Littlefield, 2001, pp. 65-76.

Os nomes dos autores antigos e de suas obras, quando abreviadas, seguem o padrão do *Greek-English Lexicon* de Liddell, Scott e Jones.

Edições adotadas e as suas siglas

FGrH JACOBY, F. (ed.) *Fragmente der griechischen Historiker*. Berlim, Leiden: Brill, 1923-1958.

FHG MÜLLER, C. (ed.) *Fragmenta Historicorum Graecorum*. Paris: Didot, 1841-1870.

IEG WEST, M. L. (ed.) *Iambi et Elegi Graeci ante Alexandrum cantati*. Oxford: Oxford University Press, 1971 (1ª ed.), 1998 (2ª ed.).

K.-A. KASSEL, R. e AUSTIN, C. (ed.) *Poetae Comici Graeci*. Berlim, Nova York: de Gruyter, 1989.

PMG PAGE, D. L. (ed.) *Poetae Melici Graeci. Alcmanis, Stesichori, Ibyci, Anacreontis, Simonidis, Corinnae, poetarum minorum reliquias, carmina popularia et convivalia quae adespota feruntur*. Oxford: Oxford University Press, 1962.

V. VOIGT, E.-M. *Sappho et Alcaeus: fragmenta*. Amsterdã: Athenaeum, Polak & Van Genneep, 1971.

LSJ *A Greek-English Lexicon. Ninth Edition with Revised Supplement*. Compilado por H. G. Liddell e R. Scott, revisto e aumentado por Sir Henry Stuart Jones, com o auxílio de Roderick McKenzie, suplemento editado por P. G. W. Glare com a assistência de A. A. Thompson. Oxford: Clarendon Press, 1996.